

Mais vagas e mais reajustes

FGV diz que 39% das indústrias querem aumentar preços e que setor vai contratar

Editoria de Arte

Luciana Rodrigues

Os empresários brasileiros estão otimistas com o cenário para os seus negócios, fazem planos de contratação de novos funcionários, mas também pretendem aumentar os preços nos próximos três meses. Essas são as principais conclusões da Sondagem Conjuntural da Indústria de Transformação de janeiro, cuja prévia foi apresentada ontem pela Fundação Getúlio Vargas (FGV). Entre os 603 empresários entrevistados, 39% afirmaram que querem reajustar seus preços, enquanto apenas 8% prevêem uma redução no valor de venda de seus produtos. É o pior resultado para esse indicador desde janeiro do ano passado, quando a economia vivia no auge do repique da inflação iniciado em 2002 e os preços subiam a um ritmo acima de 2% ao mês.

— Há uma pressão por recomposição de margens (de lucro). Embora ainda não ofereça um risco para a inflação, o governo precisa levar isso em conta nas suas decisões sobre a taxa de juros da economia — afirmou Aloisio Campelo Júnior, coordenador do Núcleo de Bancos de Dados Especiais da FGV.

Campelo lembra que em alguns segmentos da indústria os custos de produção subiram com a alta nos preços das commodities no mercado internacional. E lembra o caso do minério de ferro, cujo preço foi reajustado em 18,62% pela Vale do Rio Doce, depois de um acordo com o grupo europeu Arcelor, seu principal cliente.

— As pressões muitas vezes vêm de fora. Num ambiente de recessão, as empresas cortam as margens. Mas, depois, tentam repassar esse aumento de custo para seus preços — explicou Campelo.

Economista alerta para pressão de oligopólio

- Na opinião do economista Luiz Carlos Prado, do BNDES, é natural os empresários manifestarem o desejo de reajustar seus preços. Isso não significa, porém, que as empresas conseguirão impor esses aumentos:

— A concorrência é grande e a economia ainda está devagar, ou seja, a demanda está fraca. E pelo lado dos custos não há pressão de câmbio ou de aumento de salários. A não ser em setores oligopolizados, é pouco provável que haja reajustes na indústria.

Ao mesmo tempo em que prevêem altas de preços, as empresas também pretendem aumentar seu quadro de funcionários. Nos próximos três meses, 21% prevêem contratar, contra 18% que esperam demitir. Segundo a FGV, é um resultado muito positivo porque em janeiro, tradicionalmente, as indústrias não manifestam a intenção de contratar novos empregados. Corrigindo-se o indicador dos efeitos sazonais, é o melhor resultado desde julho de 2002.

— É um sinal de que boa parte dos empregados contratados como temporários no fim do ano passado pode ser efetivada agora

Expectativas dos empresários brasileiros

OS NÚMEROS DO LEVANTAMENTO DA FGV

Em percentual das respostas dadas pelos industriais



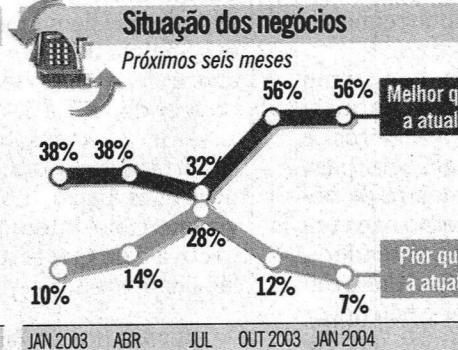
A diferença entre o percentual das empresas que pretendem reajustar seus preços e a parcela que quer reduzi-los é a maior desde janeiro de 2003, quando a inflação estava acima de 2% ao mês



É maior o número de empresários com planos de aumentar o quadro de pessoal do que o percentual que pensa em demitir funcionários. Para o mês de janeiro, o resultado foi mais favorável, diz a FGV.



Após terem mantido estoques elevados no segundo semestre de 2003, a indústria parece ter se ajustado. Para a FGV, o patamar de 9% que consideram o estoque excessivo segue o padrão histórico de janeiro.



Desde outubro de 2000, não é tão grande a diferença entre o número de empresas que prevê uma melhora nos negócios e a parcela que espera uma piora na situação.

FONTE: Fundação Getúlio Vargas (FGV)

COMO É FEITA A PESQUISA?

A Sondagem Conjuntural da Indústria de Transformação entrevista, a cada trimestre, de 1.200 a 1.300 empresas. Da prévia divulgada ontem, constam as respostas de 603 informantes, com faturamento anual de R\$ 179 bilhões e 552 mil empregados. As entrevistas foram realizadas entre 22 de dezembro e 9 de janeiro. Os empresários responderam a perguntas sobre o quadro atual de negócios e suas estimativas para os próximos três e seis meses.

— afirmou o coordenador da FGV.

No quadro geral, para Campelo, a sondagem da Fundação mostrou um otimismo moderado entre os empresários. Entre os entrevistados, 20% afirmaram que a situação atual dos negócios é boa, enquanto 12% a avaliaram como fraca. É o melhor resultado desde abril de 2001, ou seja, desde antes do racionamento de energia elétrica.

Um número maior de empresas consideram que a demanda por seus produtos está forte

(18%) em relação às que acham a procura fraca (15%). Para esse indicador, o resultado é o mais favorável desde outubro de 2000, ano em que a produção da indústria de transformação brasileira cresceu nada menos do que 6,5%. Mas a indústria espera uma redução na demanda nos próximos meses: 42% deram essa resposta, contra 27% que prevêem aumento.

— Há otimismo, mas com moderação. Por isso, a previsão é que a produção da indústria continue crescendo a um ritmo lento, como o

verificado no fim de 2003 — disse Campelo.

A produção industrial do país cresceu 1,2% em outubro e 0,3% em novembro, segundo levantamento do IBGE. ■

• INDÚSTRIA DE SP CORTOU VAGAS EM 2003, MAS PREVÊ MELHORA ESTE ANO, na página 24

NO GLOBO ONLINE:

A íntegra da pesquisa da FGV
www.oglobo.com.br/online/economia